

EDITORIAL

Um lugar de descobertas

Pode a Teologia ser, afinal, um “lugar de descobertas” intimamente associado à experiência existencial do ser humano? Pode considerar-se então que as vivências humanas, as experiências de vida, a introspecção, os ruídos e os silêncios, as interações com a Natureza e os outros seres humanos podem ser lidas não apenas como parte dum processo de apreensão do mundo mas também enquanto processo de descoberta de si mesmo, tanto no sentido duma vertente noética como sensorial?

Para lá de tudo isto, pode ainda considerar-se que, como pano de fundo, estará também sempre presente, como uma espécie de sombra da imanência, uma dimensão transcendental, talvez mais discreta mas não menos autêntica e interpelativa?

Na sua habitual crónica no jornal “Público” escrevia o Frei Bento Domingues, O.P. (2021):

“K. Rahner e E. Schillebbekx, no primeiro número da revista *Concilium*, marcaram o que deve ser a nova orientação da Teologia: a necessidade de uma análise da hodierna experiência da existência humana à luz da revelação. Por toda a parte onde há vestígios da existência humana, essa existência é atingida e chamada pelo Deus vivo da salvação. Assim, a experiência existencial do ser humano, em qualquer parte onde se encontre, é sempre um *locus theologicus*, um lugar de descobertas para a convicção vital religiosa.”¹

¹ “Vem Espírito Criador!”, 12 de Janeiro.

De certo modo VELIQ (2021) vem dizer o mesmo, sublinhando agora os aspectos do tempo e do contexto histórico, social, político, cultural e antropológico que influenciam o desenvolvimento teológico actualmente, mas que também o condicionaram ao longo dos dois mil anos do percurso do cristianismo, circunstância que alguns ainda hoje revelam alguma dificuldade em compreender e ainda mais em aceitar:

“(…) toda teologia é fruto do seu tempo, da condição social de quem a faz, da cultura na qual determinado teólogo ou teóloga se insere. Não há uma teologia "em si", que exista em algum lugar nos céus e que precisa ser descoberta e sistematizada. Muito pelo contrário, o reconhecimento de que o fazer teológico é um esforço humano na tentativa de falar sobre o divino é fundamental para poder compreender que determinada teologia é feita por determinada pessoa em determinado século.”²

Assim, e ao contrário do que muitos pensam, a Teologia é qualquer coisa que se vai construindo a cada momento, em consonância com as circunstâncias, visto que se Deus é imutável: “Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação” (Tiago 1:17), e a Sua Palavra eterna: “Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão” (Marcos 13:31), a verdade é que a natureza das sociedades humanas implica uma constante mutação³. Portanto, se um dos elementos da equação se altera, altera-se inevitavelmente o conjunto. Ou seja, fazer teologia é uma actividade datada, em constante renovação, e sempre desafiada por novos eventos, avanços científicos e diferentes circunstâncias conforme a roda do tempo.

De resto, se assim não fosse, como poderiam as pessoas de fé posicionar-se e ter uma palavra a dizer sobre os grandes problemas do nosso tempo, como as alterações climáticas, a manipulação genética, o comércio das armas, ou as

² VELIQ, Fabricio (2021). O mito das pautas apartidárias. Dom Total. <https://domtotal.com/noticia/1494607/2021/01/o-mito-das-pautas-apartidarias/?fbclid=IwAR0v84MoYI9Djn-6iXj-jlxRCW12qK8Gg4e4qbQ5FME3A3bAP3Qf2Mz-SKA> (consultado em 20/1/21).

³ CAMÕES, “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,/muda-se o ser, muda-se a confiança;/todo o Mundo é composto de mudança,/tomando sempre novas qualidades.” Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades. <https://www.escritas.org/pt/luis-de-camoes> (acedido em 30/1/21).

novas formas de escravatura, exploração e abuso dos socialmente mais frágeis ou marginalizados?

Como encarar os novos desafios éticos que se colocam a cada indivíduo, a grupos e sectores de interesses, mas também à sociedade no seu conjunto, visto que o evangelho comporta uma inequívoca vertente pessoal e outra comunitária, que nunca se perdeu desde que Iavé falava ao povo como um colectivo, tanto no tempo dos patriarcas como dos profetas: “Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor” (Deuterónimo 6:4)?

A partir de K. Rahner e E. Schillebbekx, Bento Domingues fala da experiência humana como um *locus theologicus*, que classifica como “um lugar de descobertas para a convicção vital religiosa.” De facto, é sempre a partir do humano, do vivencial e do pessoal que se desenvolve a convicção religiosa do indivíduo, que o leva a posicionar-se num dado contexto colectivo de fé e aderir a um corpo de doutrina. A fenomenologia da experiência religiosa pode até iniciar-se em contexto comunitário mas a genuína experiência religiosa, ou “convicção vital” de que fala Bento Domingues, é pessoal.

É neste espírito de “abertura ao espanto”, no dizer de João Hipólito (comunicação pessoal), que convém desenvolver o pensamento teológico, sem as baias e os condicionamentos que a tradição ou a cultura naturalmente nos impõem, fazendo da existência um verdadeiro e permanente “lugar de descobertas”.

Neste número da AD AETERNUM, o eminente teólogo Andrés Torres Queiruga disserta sobre a actualidade dos sacramentos, o seu significado e como podem ser vivenciados.

Orlando Eduardo Capellão Martins e Paulo Roberto Souza Mazarem ensaiam uma classificação teórica inovadora do movimento pentecostal,

particularmente a partir da realidade brasileira, e Luís Alexandre Ribeiro Branco reflecte sobre o diálogo inter-religioso.

O professor Stefan Bratosin, da Universidade de Montpellier, aborda o interessante tema: “Transformations des pratiques religieuses dans les processus de médiatisation. La prière digitale” e Daniel Mineiro escreve a duas mãos com José Brissos-Lino sobre o discernimento espiritual, a partir da teologia moral e da teologia espiritual.

Deborah Vogelsanger Guimarães discorre sobre “A palavra da religião em tempos certamente incertos”, José Brissos-Lino aborda a questão do ressentimento nacionalista do profeta Jonas, em especial face ao princípio da justiça retributiva, e Vítor Rosa concentra-se no coração e no seu simbolismo esotérico.

Apresentamos ainda um dossier sobre o Dr. Robert Reid Kalley, com algumas das intervenções das jornadas científicas promovidas pelo Instituto de Cristianismo Contemporâneo e realizadas em 2018, na Universidade Lusófona, para assinalar a passagem dos 180 anos sobre a data da fundação da primeira igreja protestante portuguesa prevalecte em solo nacional (1838-2018). Este evento foi realizado em parceria com o Centro de Estudos Religiosos – Biblioteca João Ferreira de Almeida (CER/BJFA) e subordinadas ao tema “Robert Kalley, o homem e o seu legado transatlântico”.

Este número da AD AETERNUM apresenta textos em Português, Francês e Galego.

A revista respeita tanto a grafia adoptada por cada um dos autores que escreveu na língua portuguesa, anterior ou posterior ao AO/90, assim como os textos vertidos na forma europeia ou do Brasil.

José Brissos-Lino